



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**WITALO DE SOUSA LIMA**

***MEMES EM SALA DE AULA: UMA VISÃO SOBRE OS MULTILETRAMENTOS NA  
ERA DIGITAL***

**CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2022**

WITALO DE SOUSA LIMA

**MEMES EM SALA DE AULA: UMA VISÃO SOBRE OS MULTILETRAMENTOS NA ERA DIGITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras Português.

**Orientadora:** Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732m Lima, Witalo de Sousa.  
*Memes em sala de aula: uma visão sobre os multiletramentos na era digital.* [manuscrito] / Witalo de Sousa Lima. - 2022.  
42 p. : il. colorido.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.  
"Orientação : Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier ,  
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. tics. 2. memes. 3. letramentos. I. Título  
21. ed. CDD 372.6

WITALO DE SOUSA LIMA

**MEMES EM SALA DE AULA: UMA VISÃO SOBRE OS MULTILETRAMENTOS NA  
ERA DIGITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras Português.

Aprovado em 18 de julho de 2022

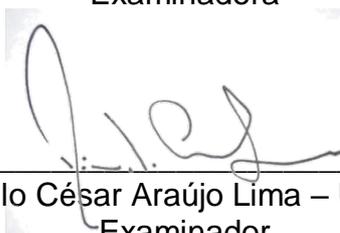
**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier – UEPB/Campus IV  
Orientadora



Profa. Ma. Bianca Sonale Fonseca da Silva – UEPB/Campus IV  
Examinadora



Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima – UEPB/Campus IV  
Examinador

Dedico este trabalho a Deus, por me dar forças para lutar pelos meus sonhos e por me manter firme e forte quando pensei que não iria conseguir chegar onde cheguei.  
DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus que fez com que meus objetivos fossem alcançados durante todos os meus anos de estudos. Agradeço também a minha família pelo apoio e palavras de incentivo. Em especial a minha mãe Izabel e meu irmão Wesley, e demais familiares.

A minha eterna gratidão a orientadora Keila Lairiny por me acolher e por sua paciência nas orientações, correções e palavras de apoio ao longo deste trabalho.

Gradeço os professores da banca avaliadora; Rômulo César e Bianca Sonale por aceitarem o convite e demonstrarem interesse em contribuir neste trabalho.

Ao programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), especialmente, às professoras Eliene Alves Fernandes e Eliane Barbosa de Oliveira, por terem me possibilitado a primeira experiência com a docência.

Aos meus queridos professores do Campus-IV que contribuíram para minha formação acadêmica. Me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando. Em especial ao professor José Helber Tavares de Araújo que me inspirou a ver o lado leve da docência através de seu profissionalismo e seu modo de ser.

Também agradeço aos meus amigos do curso que fizeram parte da minha trajetória dentro do campus e dividiram comigo momentos de muita alegria e “aperreios”; Jordânia, Edson, Daniele, Joseane, Ana Cecilia, Raíssa, Eduarda, Marcelo, Naomy, Izabel e Kelly, entre outros.

Por fim, meu agradecimento se estende a toda equipe que compõe o Campus-IV, especialmente aos docentes e técnicos, por terem contribuído, de forma humana e profissional, para a minha formação.

[...] a educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos. (MORAN, 2006, p. 36).

## RESUMO

A chegada das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) junto a uma rede de dados on-line ampliaram e democratizaram o uso das tecnologias digitais, configurando um novo cenário na sociedade, trazendo novos espaços de interação virtual onde surgiram novos gêneros digitais. Nessa atual configuração, as modernizações chegaram ao âmbito escolar trazendo mudanças e desafios para os professores (as) de Língua Portuguesa, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem, havendo a necessidade de adequar as práticas didático-pedagógicas para atender as exigências da escola frente à atualidade. Nessa perspectiva, buscando a exploração de diferentes usos da linguagem nesse cenário tecnológico, destaca-se o *meme*, que pela sua própria natureza interativa pressupõe um papel mais ativo para o leitor pela conjuntura de multissemiões que se estabelece e que pode ter diferentes finalidades. Logo, o objetivo geral desse trabalho centrou-se em: analisar os *memes* da *internet* e suas contribuições para a formação do sujeito na era digital. Em consonância com este objetivo geral elegeram-se outros três específicos, os quais foram: discutir as multissemiões e multimodalidades das novas textualidades da contemporaneidade, enfatizar a utilização dos *memes* como ferramenta didático-pedagógica e discutir a importância do estudo dos gêneros digitais para os alunos. Para isso, realiza-se então, uma pesquisa do tipo bibliográfica, com abordagem qualitativa, utilizando-se de livros e periódicos para fazer a abordagem. No que tange ao embasamento teórico-metodológico, esse estudo tem como principais autores Kenski (2007) para discutir sobre as evoluções das tecnologias; Soares-Leite (2012) para discussão sobre a chegada das TICs no âmbito escolar e seus impactos; Magda Soares (2002; 2009) trazendo reflexões sobre os processos de letramento; Roxane Rojo (2012; 2015) trazendo reflexões sobre as novas modalidades de linguagens; Dawkins (2007) trazendo a teoria sobre os *memes* enquanto unidades de transmissão cultural; Horta (2015) sobre a origem dos *memes* no contexto digital; Recuero (2009) trazendo reflexões sobre os atores sociais e produtores de conteúdos na *internet*; dentre outros. A realização dessa pesquisa possibilitou constatar que os *memes* possuem características que possibilitam os processos de letramento digital enquanto ferramenta didático-pedagógica em sala de aula por envolverem o uso de diferentes linguagens, processos de leitura, escrita/produção de sentido e exigir que os alunos lidem também com diferentes ideologias e culturas a fim de que possam construir saberes e posicionamentos enquanto usuários que recebe e produz esse gênero nas redes sociais. Dessa forma, consideramos que esse gênero possa contribuir para o desenvolvimento crítico-reflexivo do aluno pois esses textos possuem cargas ideológicas e intertextuais a partir da junção de elementos multimodais e multissemióticos e exigem dos leitores o desenvolvimento de novas capacidades cognitivas tanto para a compreensão do texto em sua construção no suporte digital, como também que eles saibam fazer uma leitura que questione os discursos neles envolvidos.

**Palavras-chave:** tics; *memes*; letramentos.

## ABSTRACT

The arrival of Information and Communication Technologies (ICT) together with an online data network has expanded and democratized the use of digital technologies, configuring a new scenario in society, bringing new spaces of virtual interaction where new digital genres have emerged. In this current configuration, modernizations have reached the school environment, bringing changes and challenges for Portuguese Language teachers, with regard to the teaching-learning process, with the need to adapt didactic-pedagogical practices to meet the demands of the school in the face of give the present. From this perspective, seeking to explore different uses of language in this technological scenario, the meme stands out, which, due to its very interactive nature, presupposes a more active role for the reader due to the conjuncture of multisemioses that is established and that can have different purposes. Therefore, the general objective of this work focused on: analyzing internet memes and their contributions to the formation of the subject in the digital age. In line with this general objective, three other specific ones were chosen, which were: to discuss the multisemioses and multimodalities of the new contemporary textualities, to emphasize the use of memes as a didactic-pedagogical tool and to point out the importance of the study. of digital genres for students. For this, a bibliographic research is carried out, with a qualitative approach, using books and periodicals to make the approach. As for the theoretical-methodological foundation, this study has as main authors Kenski (2007) to discuss the evolution of technologies; Soares-Leite (2012) to discuss the arrival of ICTs in the school environment and its impacts; Magda Soares (2002; 2009) bringing reflections on literacy processes; Roxane Rojo (2012; 2015) bringing reflections on the new modalities of languages; Dawkins (2007) bringing the theory about memes as units of cultural transmission; Horta (2015) on the origin of memes in the digital context; Recuero (2009) bringing reflections on social actors and content producers on the internet; between others. The accomplishment of this research made it possible to verify that memes have characteristics that enable the processes of digital literacy as a didactic-pedagogical tool in the classroom, as they involve the use of different languages, processes of reading, writing/production of meaning and require students to also deal with different ideologies and cultures so that they can build knowledge and positions as users who receive and produce this genre on social networks. In this way, we believe that this genre can contribute to the critical-reflective development of the student, as these texts have ideological and intertextual loads from the combination of multimodal and multisemiotic elements and require readers to develop new cognitive skills both for understanding the text in its construction in the digital support, but also that they know how to make a critical reading that questions the discourses involved in them.

**Keywords:** ict; memes; literacy.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E OS NOVOS LETRAMENTOS</b> .....	12
<b>2.1 Tecnologias: o que são? E quais os seus impactos na Educação?</b> .....	12
2.1.1 Desafios escolares na Era Digital: Reflexões necessárias.....	16
<b>2.2 O que é Letramento?</b> .....	20
<b>2.3 Novos modos de circulação e produção de textos</b> .....	24
<b>3 O GÊNERO DIGITAL <i>MEME</i></b> .....	27
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39

## 1 INTRODUÇÃO

Há alguns anos nossa sociedade vem passando por muitas transformações originárias da inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), que tem afetado, diretamente, as relações sociais das pessoas. Nesse contexto, a chegada das TICs, junto a uma rede de dados *on-line* ampliaram e democratizaram o uso das tecnologias digitais configurando um novo cenário, que possibilitou a conexão a diferentes plataformas no ciberespaço<sup>1</sup>. Nessa atual configuração, as modernizações chegaram ao âmbito escolar trazendo mudanças e desafios para os professores (as), sobretudo, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem, já que houve a necessidade de adequar as práticas didático-pedagógicas, para atender as exigências da escola frente à atualidade. Pensando no contexto da Língua Portuguesa que tem como objetivo de ensino, o texto, os professores necessitam atender as exigências das peculiaridades que circulam socialmente na *internet* e que fazem parte do contexto sócio digital, para que assim possam contemplar uma formação de sujeitos autônomos, críticos e reflexivos. Também, é importante integrar a esse cenário o uso das novas tecnologias e dos diversos letramentos envolvidos aos suportes textuais que fazem parte do cenário atual.

Com o uso de novos suportes conectados à *internet* e suas potencialidades interativas, surgiram esferas públicas digitais, como as redes sociais, que se caracterizam como espaços democráticos para a formação de opinião pública. Em consequência a esses espaços de interação *on-line* emergiram novas modalidades que apelam para a multiplicidade de linguagens e signos, em que a imagem estática ou em movimento, o som, as cores e os símbolos são combinados, de forma dinâmica e interativa e que, também, contribuíram com a propagação de novos gêneros digitais. E buscando essa exploração de diferentes usos da linguagem, dentre os gêneros que foram intensamente introduzidos pelos meios digitais nos últimos anos, destaca-se o *meme*, que pela sua própria natureza interativa pressupõe um papel mais ativo para o leitor pela conjuntura de multi(semioses)<sup>2</sup> que se estabelece e que pode ter diferentes finalidades.

---

<sup>1</sup> Pierry Lévy (1999, p. 92) define o ciberespaço como sendo um: “[...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.”

<sup>2</sup> texto multissemiótico “é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose). Linguagem oral e escrita (modalidade verbal), imagens estáticas ou em movimento (fotos, vídeos, animações - modalidade visual), etc. (ROJO, 2015, p. 108).

A partir dos pressupostos discutidos, formulamos o seguinte questionamento geral: Como o gênero *meme* poderia contribuir para a formação de sujeitos críticos na era digital? De acordo com esse questionamento geral, elegemos outros questionamentos específicos para ajudar a construção do nosso trabalho, são eles: a) Como se configuram os textos multissemióticos e multimodais na contemporaneidade? b) De qual forma os *memes* poderiam ser usados como ferramenta didático-pedagógica em sala de aula? c) Qual a importância do processo de ensino e aprendizagem dos gêneros digitais para os alunos?

Para realizarmos a investigação e respondermos a nossa questão de partida e as outras questões específicas, elegemos como objetivo geral: Analisar os *memes* da *internet* e suas contribuições para a formação do sujeito na era digital. Em consonância com este objetivo geral elegemos mais outros três específicos, os quais foram: I) Discutir as multissemioses e multimodalidades das novas textualidades da contemporaneidade, II) Enfatizar a utilização dos *memes* como ferramenta didático-pedagógica, III) Discutir a importância do estudo dos gêneros digitais para os alunos.

De acordo com esse cenário, destacamos que é útil pesquisar e obter respostas sobre os gêneros emergentes na era digital, no sentido de conhecer suas contribuições para o ensino de novos usos da linguagem em contextos digitais e em suas múltiplas semioses. Desse modo, este trabalho, ao eleger o *meme* como objeto de estudo, pretende apresentar uma provocação acerca do trabalho com as múltiplas linguagens em sala de aula. Nesse sentido, destacamos que a relevância desta pesquisa está na pouca existência de trabalhos que abordem o tema *memes* e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem do aluno, trazendo reflexões acerca dos usos de novos letramentos digitais em sala de aula e seus usos crítico e reflexivo dentro das plataformas *on-line*, e a formação de alunos enquanto leitores/consumidores e criadores de conteúdo no ciberespaço.

Toda pesquisa para concretizar-se leva em consideração passos metodológicos com vistas a alcançar os objetivos propostos e responder aos questionamentos e assim, trazer resultados importantes para a área estudada. Nesse contexto, nossa pesquisa se enquadra dentro da abordagem qualitativa, já que segundo Godoy (1995, p. 21) este tipo de pesquisa se: “[...] ocupa do reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.” Desse modo, a pesquisa qualitativa é importante para esse trabalho, pois

pesquisar um gênero digital faz-se necessário explorar novos espaços sociais como o ciberespaço. Sendo assim, o tipo de pesquisa aplicado ao trabalho foi a bibliográfica com abordagem qualitativa, utilizando-se de referências teóricas já analisadas e publicadas em livros, teses, revistas, dissertações, anais, *websites* etc.

Para tanto, foi necessário recorrer a alguns autores para então fortalecer as reflexões e os argumentos aqui expostos. São eles: Kenski (2007) para discutir sobre as evoluções das tecnologias; Soares-Leite (2012) para discussão sobre a chegada das TICs no âmbito escolar e seus impactos; Magda Soares (2002; 2009) trazendo reflexões sobre os processos de letramento; Roxane Rojo (2012; 2015) trazendo reflexões sobre as novas modalidades de linguagens; Dawkins (2007) trazendo a teoria sobre os memes enquanto unidades de transmissão cultural; Horta (2015) sobre a origem dos *memes* no contexto digital; Recuero (2009) trazendo reflexões sobre os atores sociais e produtores de conteúdos na *internet*, dentre outros.

Esse trabalho foi dividido por capítulos, tópicos e subtópicos. O primeiro capítulo trata da introdução deste trabalho contendo as informações gerais sobre a pesquisa bem como a contextualização do tema e os caminhos a serem percorridos neste trabalho. O segundo capítulo trará reflexões sobre o uso das tecnologias e as necessidades de novos letramentos para a compreensão das novas modalidades da linguagem. O terceiro capítulo trata-se da análise do gênero *meme*, as modalidades usadas nos contextos digitais e seu uso crítico e reflexivo e por fim traremos nossas discussões finais.

## **2 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E OS NOVOS LETRAMENTOS**

### **2.1 Tecnologias: o que são? E quais os seus impactos na Educação?**

Para Kenski (2007, p. 15) “As tecnologias são tão antigas quanto a espécie humana.” E, o que justifica isso, é o fato de que desde os primórdios, foi a engenhosidade humana que deu origem às diversas tecnologias e descobertas consideradas modernas. Nesse contexto, os conhecimentos derivados da inventividade humana possibilitaram o surgimento de diferentes aparatos, instrumentos, recursos, produtos, processos, considerados tecnológicos para cada época. Ainda para exemplificar, poderíamos pensar que o homem ao produzir condições materiais para sobreviver, também criava condições sociais e culturais que lhe possibilitavam, cada vez mais, o domínio da natureza ao seu redor, e nesse sentido, a partir do domínio dos elementos da natureza, o homem primitivo<sup>3</sup> criou e aprimorou tecnologias existentes desde simples ferramentas até complexos aparelhos, pois como afirma Garcia (2013, p. 28): “A base da tecnologia encontra-se no conhecimento, técnica e experiência”. E, é através desse conjunto que novas tecnologias são criadas e transformadas na sociedade, dessa forma, quando fazemos uso de determinada tecnologia e experienciamos seus mecanismos, a partir desse uso, formulamos novas necessidades que evoluem os aparatos existentes, para assim, simplificar/facilitar o modo de vida das pessoas e ampliar as formas de atuação do homem em sociedade.

Sabe-se que o ser humano criou diversas formas de adaptação aos ambientes e culturas, como roupas, habitações, alimentos, ferramentas e até armas. Esse processo ocorre até os dias atuais, ou seja, formulam-se novos aparatos/tecnológicos no decorrer da evolução humana à medida em que as necessidades humanas surgem. Kenski (2007, p. 15) comenta que o aparecimento de novas tecnologias apontando que “[...] o conceito de novas tecnologias é variável e contextual”, isto é,

---

<sup>3</sup> Como afirma Kenski (2017, p. 20) “[...] os homens primitivos dominavam as técnicas de caça e de criação de objetos de pedra. Dominaram a obtenção e o uso do fogo. Mais tarde, já assentados, reunidos em aldeias, desenvolveram tecnologias para a construção de ferramentas utilizando metais e cerâmicas diversas. Quando se tornaram agricultores, inventaram a metalurgia, o uso amplo da roda, o arado, os moinhos, os sistemas de irrigação, o uso da energia dos animais domesticados. Construíram grandes obras públicas e meios de transporte coletivos por terra e por mar. Fundaram cidades e criaram fábricas e máquinas. Desenvolveram formas diferenciadas para obtenção de energia: carvão, vapor, gás, eletricidade etc.”

em diversos contextos, não é uma tecnologia nova que está aparecendo, mas, também, a reformulação de algumas já existentes, ou seja, o surgimento de novas tecnologias se dá a partir da ampliação do conhecimento sobre aquelas já existentes. De acordo com essas reflexões, poderíamos pensar que a linguagem é um tipo de tecnologia específica, mas que não necessariamente se apresenta através de máquinas e equipamentos. A linguagem foi desenvolvida pela inteligência humana e nasceu através da necessidade da comunicação entre membros de cada grupo social sendo estruturada e transformada pelas necessidades das diversas gerações, o que originou os idiomas existentes, característicos de diversos povos e culturas.

Kenski (2007) também comenta que o desenvolvimento tecnológico resulta em mudanças, tanto na vida coletiva, quanto na vida individual para adequar-se às novas especificidades tecnológicas:

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social. [...] as tecnologias transformam suas maneiras de pensar, sentir e agir. Mudam também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos. (KENSKI, 2007, p. 21).

As mudanças sociais em cada época civilizatória marcam diretamente a cultura e o modo de vida das pessoas. Para compreender esse processo, é necessário entender não apenas as mudanças na própria sociedade, seja na forma de comportamento, pensamento e comunicação, mas também os avanços tecnológicos que fazem parte dessas mudanças. A descoberta da roda, por exemplo, transformou radicalmente as formas de deslocamento, além disso, já não se costuma enviar cartas para o envio de mensagens, já que as tecnologias atuais fazem isso de maneira instantânea. Assim, entende-se que o homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias; ou seja, as transformações sociais estão diretamente ligadas às mudanças tecnológicas das quais a sociedade se apropria para se desenvolver e se manter.

Atualmente, quando nos referimos às novas tecnologias, percebemos que esses aparatos estão relacionados, principalmente, aos processos e produtos tecnológicos provenientes da eletrônica, da microeletrônica e das telecomunicações, e que se caracterizam por serem áreas evolutivas em permanente transformações.

Hoje é muito comum escutarmos o uso das expressões “sociedade tecnológica” ou “as tecnologias invadem nosso cotidiano” (KENSKI, 2007, p. 23), pois de fato elas se fazem cada vez mais presentes, agora de maneira digital, mais inovadoras, inseridas na rotina social.

Segundo o pensamento de Martino (2014) nessa sociedade tecnológica e digital a possibilidade do compartilhamento de dados em forma de dígitos combinado com a integração de processadores em redes de alta velocidade estabeleceu as condições, ao longo do século XX, para o desenvolvimento de uma teia de conexões descentralizadas, originando a *internet*. A chegada da *internet*, em 1960, revolucionou junto aos aparatos eletrônicos, a vida social das pessoas e trouxe novas formas de viver, de trabalhar e se organizar socialmente. Ela democratizou e ampliou o acesso à informação e a comunicação de uma forma rápida e colaborativa. Um exemplo dessa mudança está na comunicação, atualmente tornaram-se comuns mensagens instantâneas entre pessoas de diferentes localidades, através de celulares, de *e-mails*, aplicativos e redes sociais, onde os usuários acessam uma rede de dados imersa de conteúdo, linguagens e modalidades com pessoas, lugares e informações em tempo real. Nesse pensamento, percebe-se que a eletrônica não interfere apenas no cotidiano, mas passam a interferir nas ações, nas condições de pensar e representar a realidade e, no caso da educação, na maneira de trabalhar em atividades ligadas à educação escolar.

Dessa forma, a sociedade é regida por relações de diferentes ordens, onde há relações de classes, de poder, econômicas, de trabalho, políticas, e de gênero, conduzidas pela modernidade de um sistema capitalista e de produção, situados em um mundo cada vez mais globalizado, impulsionados em grande parte pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). E essas relações testemunham transições importantes que afetam a vida de todos. De acordo com Cardoso (2015, p. 151) “A globalização se refere ao processo e integração de sistemas financeiros, econômicos, políticos e sociais, tornando as nações cada vez mais interdependentes e inter-relacionadas” e as mudanças paradigmáticas acompanham as mudanças nesses setores e atinge todas as instituições, e isso exige da sociedade uma adaptação à nova e emergente visão coletiva de mundo (CARDOSO, 2015). Dessa forma, a globalização também teve seus impactos na educação já que sua inserção no meio estudantil provocou algumas mudanças com as interações com essas novas tecnologias.

De acordo com Soares-Leite (2012) a chegada dos primeiros computadores nas escolas de vários países, na década de 1970, ocasionou a menção a eles e a seus usos como “computadores na educação” (SOARES-LEITE, 2012, p. 175). Por seguinte, junto aos computadores, chegaram às escolas os dispositivos auxiliares, como as impressoras, *drivers* externos, *scanners* e as primeiras câmeras fotográficas digitais. O conjunto desses equipamentos passaram a ser chamados por Tecnologias de Informação ou, TI. Quando a *internet* chegou às escolas, em integração com esses dispositivos em rede, uma nova expressão foi cunhada: TIC, as iniciais de Tecnologias de Informação e Comunicação, referente à pluralidade de tecnologias.

Nessa mesma linha de pensamento Menezes (2019, p. 21) afirma que:

As tecnologias de informação e comunicação e tecnologias digitais de informação e comunicação são um conjunto de possibilidades de dispositivos como rádio, televisão, telefone, smartphones, computadores, tablet, internet que permitem a troca e armazenamento de informações, além de transmissão e troca de informações de maneira analógica ou digital, dando destaque ao papel da comunicação neste processo. (MENEZES, 2019, p. 21).

Considerando essa perspectiva de comunicação, TIC, em amplo sentido, refere-se à junção de âmbitos, antes isolados, da tecnologia de informação e comunicação (notadamente o âmbito das telecomunicações) com o âmbito de mídias (audiovisuais e escritas), numa adaptação estruturada pelas tecnologias digitais (interfaces, linguagens de programação, protocolos de comunicação, mediadores ou tradutores de informação, computadores), a qual convergem-se numa única via ou meio: modernas arquiteturas de rede com a *internet*. Ou seja, as TICs são dispositivos que auxiliam a comunicação e provocam mudanças na maneira como a sociedade lida, troca e produz conhecimentos. E nos últimos tempos, com o avanço tecnológico, essa comunicação veio se moldando e a partir das necessidades humanas, houve um avanço para auxiliar nas interações, facilitando o desenvolvimento das relações humanas.

Segundo Juan Ignacio Pozo (2004 *apud* Soares-Leite, 2012, p. 175):

As tecnologias estão possibilitando novas formas de distribuir socialmente o conhecimento, que estamos apenas começando a vislumbrar, mas que seguramente tornam necessárias novas formas de alfabetização (literária, gráfica, informática, científica, etc.). (POZO, 2004 *apud* SOARES-LEITE, 2012, p. 175).

E a escola como é o *locus* na formação e educação dos alunos, está imbricada nessa conjuntura. E para modernizar-se a escola não necessita, simplesmente, de introduzir equipamentos e infraestruturas que permitam a comunicação em rede, é fundamental a integração dessas tecnologias na educação, de modo positivo, e isso envolve a conciliação de multifatores, dentre os quais, pode-se frisar como mais importantes: 1) o domínio do docente mediante as tecnologias atuais e sua utilização na prática, e isso passa, necessariamente, por uma boa formação acadêmica; 2) que a escola seja composta de uma boa estrutura física e material, que possibilite a utilização dessas tecnologias no decorrer das aulas; 3) que os governos invistam em qualificação, para que o professor possa inteirar-se face às mudanças e as evoluções tecnológicas; 4) que o professor se mantenha interessado para aprender e inovar em sua prática pedagógica; 5) que os currículos escolares possam integrar o emprego das modernas tecnologias aos conjuntos de conteúdos das variadas disciplinas, etc. (Soares-Leite, 2012).

Nesse sentido, podemos perceber que a docência frente à integração das tecnologias em sala de aula requer uma qualificação mais eficiente e mudanças metodológicas que começam desde o processo de formação de professores na universidade, além de outros fatores como o currículo e fatores externos como estruturas escolares e investimentos governamentais, para assim, encarar os desafios dessa essa nova realidade. É notório as crescentes inovações das tecnologias de informação e comunicação e como elas contribuem para a vida e as relações sociais, bem como a comunicação e as possibilidades de beneficiar a sociedade em vários âmbitos, como também sua utilização institui um fator de inovação pedagógica no cotidiano escolar.

A seguir no ponto “2.1.1” iremos discutir sobre os desafios escolares frente às tecnologias na era digital.

### 2.1.1 Desafios escolares na Era Digital: Reflexões necessárias

Como já discutimos, o novo cenário digital exige mudanças nas práticas docentes, pois necessitamos formar cidadãos críticos para a sociedade, assim a escola encontra-se diante de novos desafios para garantir esse processo de formação ao aluno. Hoje já não se pode pensar a educação desvinculada das TICs, e assim, acreditamos que tanto a escola quanto os professores não podem ficar indiferentes

diante desse novo cenário sem incluí-las nos currículos. De acordo com Kenski (2007):

[...] educação e tecnologia são indissociáveis, e para que ocorra essa integração, é preciso que conhecimentos, valores, hábitos, atitudes e comportamentos do grupo sejam ensinados e aprendidos, ou seja, que se utilize a educação para ensinar sobre as tecnologias que estão na base da identidade e da ação do grupo e que se faça uso delas para ensinar as bases dessa educação. (KENSKI, 2007. p. 43).

E o currículo<sup>4</sup> vem para nortear os docentes ao longo de todo o processo educacional e aponta o caminho que os alunos vão percorrer em determinada disciplina. Nele, são organizados os conteúdos que serão estudados, como também as atividades e competências a serem trabalhadas. E a inclusão das tecnologias digitais no currículo exigem da escola contemporânea a necessidade de transformar toda a informação fragmentada e desorganizada em conhecimento, ou seja, em corpos organizados de proposições, modelos, esquemas e mapas mentais que ajudem a entender melhor a realidade, tal como a dificuldade para transformar esse conhecimento em pensamento crítico e reflexivo, e dessa forma, o professor juntamente com o Projeto Político Pedagógico<sup>5</sup> da escola tem a tarefa de buscar refletir formas de integrá-las nos currículos e adequar sua metodologia de acordo com os interesses da comunidade escolar e usar a tecnologia de maneira transversal e não só instrumentalizada, pois o seu uso deve ser com sujeitos cientes, que saibam para que servem esses recursos e suas contribuições para a formação, e que as utilizem para construir novos saberes.

Devido às Tecnologias de Informação e Comunicação, a escola já não é a primeira fonte de conhecimentos para os alunos, pois as tecnologias tomaram o cotidiano dos jovens e a informatização tornou-se cada vez mais acessível e sem limites geográficos através da *internet*. E assim, dado que a escola já não possa

---

<sup>4</sup> Traversini (2013, p. 15) sobre currículo: “Compreendemos esse artefato como uma construção histórica de saberes e culturas, um território para se pensar as diferenças numa dimensão que movimenta o ensinar e o aprender no âmbito escolar. Longe de ser somente uma lista de conteúdos, para nós, o currículo incorpora esses conteúdos e práticas de ensino e aprendizagem para constituir o sujeito em seus processos no âmbito do cognitivo e de sua inserção sociocultural.”

<sup>5</sup> O Projeto Político Pedagógico vai além de um plano de atividades diversas [...]. Deve ser um processo de reflexão e discussão dos problemas da escola [...]. Busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com compromisso assumido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. É pedagógico, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem propósitos e suas intencionalidades. Portanto, político e pedagógico têm assim significação indissociável (VEIGA, 1995, p. 17).

proporcionar toda informação relevante aos alunos, o papel do professor veio tomando novos moldes, justo que “a mudança acelerada do contexto social influi fortemente no papel a desempenhar pelo professor” (ESTEVE, 1995, p. 100), e assim deixando de ser transmissor de conhecimento para ser mediador, enfrentando a necessidade de integrar a sua prática pedagógica os potenciais informativos de novas fontes de informação como o computador e a *internet*, explorando as TICs dentro do currículo elaborado com objetivos claros e integrados para facilitar e construir aprendizagens e conhecimentos através da exploração de recursos e possibilidades que as mídias oportunizam nesse cenário tecnológico, pois, os alunos chegam na escola com uma bagagem de conhecimentos e habilidades tecnológicas, que às vezes nem mesmo os próprios professores têm o conhecimento para lidar com essa modernização.

Conforme Almeida (2000):

Os alunos por crescerem em uma sociedade permeada de recursos tecnológicos, são hábeis manipuladores da tecnologia e a dominam com maior rapidez e desenvoltura que seus professores. Mesmo os alunos pertencentes a camadas menos favorecidas têm contato com recursos tecnológicos na rua, na televisão, etc., e sua percepção sobre tais recursos é diferente da percepção de uma pessoa que cresceu numa época em que o convívio com a tecnologia era muito restrito. (ALMEIDA, 2000, p. 108).

E para conseguir acompanhar os alunos, os professores tendem a ter um maior trabalho para estarem atualizados para contribuir e construir conhecimento a partir dos interesses dos alunos. Isso porque os alunos de hoje fazem parte da geração denominada “nativos digitais” (PRENSKY, 2001, p. 01), e têm muita facilidade em utilizar as tecnologias, estando acostumados a obter informações de forma rápida e geralmente recorrem primeiramente a fontes digitais e à *Web*, ou como diz Brito e Sampaio (2013, p. 294) “novas fontes do saber”, antes de procurarem em livros ou na mídia impressa. O problema não é a quantidade de informação que os alunos recebem, mas a qualidade dessas informações fragmentadas, a capacidade para entendê-la, processá-la, selecioná-la, organizá-la, transformá-la em conhecimento e aplicá-la às diferentes situações ou contextos. Dessa forma, cabe ao professor apropriar-se das tecnologias para utilizá-las adequadamente em sala de aula.

Moran (1998, p. 05) afirma que:

A aquisição de informações e de dados dependerá cada menos da educação. A Internet pode fornecer dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. Portanto, o papel do principal do educador é ajudar o aluno a interpretar os dados obtidos, relacioná-los, contextualizá-los e avaliá-los, sendo um facilitador, para que cada educando consiga avançar no processo de aprender. (MORAN, 1998, p. 05).

Dessa forma, o professor precisa de novas práticas metodológicas como a inclusão das mídias digitais nas aulas para que os alunos que estão entretidos visualmente fora da escola pelas mídias digitais/*internet*, também as utilizem e absorvam as informações das mídias de forma significativa dentro da escola. Com isso o professor estará criando pontes entre o mundo externo e o ambiente escolar.

A própria pandemia no Brasil, devido a COVID-19, demonstrou o quanto o uso das TICs foram essenciais para diminuir os efeitos negativos sobre o ensino-aprendizagem durante o tempo de isolamento e a falta de ensino presencial nas escolas, pois possibilitaram dar continuidade as aulas através de um ensino remoto *on-line*. Isso reforça ainda mais o quanto a incorporação dessas tecnologias se fazem indispensáveis para as práticas pedagógicas.

Hoje com novas perspectivas, o professor é visto como mediador/facilitador do conhecimento e atua para ajudar os alunos a construírem sua autonomia para lidarem com essas novas informações de maneira que elas se tornem significativas para o ensino-aprendizagem dos alunos. Além disso, já não cabe mais à docência proporcionar aos alunos conhecimentos como se fossem verdades acabadas. Dado que a escola já não possa proporcionar toda a informação, o que se pode fazer é formar os alunos para terem um acesso e aprendizagem relevante para darem sentido à informação, além de proporcionar um ensino que permita aos alunos a interpretação e habilidades que lhes permitam uma assimilação do que é novo na escola e nos seus cotidianos. No entanto, desvendar esse conhecimento, dialogar com ele e não facilmente deixar-se invadir ou inundar por tal fluxo de informação, requer maiores capacidades ou competências cognitivas dos leitores, ou seja, novos letramentos para a interpretação e usos sociais dessas novas informações, cujo o principal veículo continua sendo a palavra escrita, embora não seja mais impressa.

Em seguida iremos abordar sobre a origem do termo letramento e seus processos dentro da sociedade, já que faz parte de nosso estudo refletir sobre isso, sobretudo, para atendermos ao nosso objeto de estudo.

## 2.2 O que é Letramento?

De acordo com Magda Soares (2009) a palavra *Letramento* chegou ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas em meados da década de 80. Em uma visão histórica, de acordo com a mesma autora, o termo letramento parece ter sido usado pela primeira vez no livro “*No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*” de Mary Kato (1986). Depois de mencionado no referido livro, esse termo foi novamente utilizado em 1988, no livro: “*Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*” de Leda Verdiani Tfouni, na obra a autora dedica-se a distinguir alfabetização de letramento, além de um estudo sobre o modo de falar e de pensar de adultos analfabetos. Mais recentemente, esse termo tornou-se bastante relevante no campo das letras e da educação para conceituar fenômenos resultantes do uso eficiente da leitura e escrita nas práticas sociais.

Soares (2009) na busca de esclarecer o que seja letramento nos traz as seguintes reflexões: “Vivemos séculos sem precisar da palavra letramento; a partir da década de 80, começamos a precisar dessa palavra, inventamos essa palavra – por que? para que?” (SOARES, 2009, p. 34). Sabe-se que, a chegada de um novo termo na língua é resultado de novos fenômenos que acontecem na sociedade e o ser humano tende a nomeá-los para que determinada coisa passe a “existir” na sociedade. O surgimento de novos termos ou conceitos surgem e têm influência das transformações sociais, culturais, históricas, políticas e econômicas, fatores que comumente provocam o surgimento de novos termos e conceitos para designar fenômenos e demandas que surgem na sociedade.

Convivemos com o fato de que inúmeras pessoas que não sabem ler e escrever, desde meados do Brasil Colônia, e essa condição ou estado de quem não sabe ler ou escrever foi denominado como analfabeto e esse fenômeno de analfabetismo (SOARES, 2009). À medida que esse analfabetismo foi sendo superado e um grande número de pessoas aprenderam a ler e a escrever, a sociedade cada vez mais centrada na escrita, nasce a necessidade de abranger esse ensino/aprendizagem, no qual fica evidente que não basta apenas aprender a prática da leitura e da escrita, é preciso introduzir, envolver e utilizar essa prática em práticas sociais com competência, e a esse processo e uso recebeu o nome de “Letramento” (Soares, 2009, p. 46). A palavra letramento é uma tradução portuguesa da palavra inglesa Literacy cuja etimologia remete ao termo em latim Littera, que significa letra;

assim o termo inglês é a junção da palavra letra mais o acréscimo do sufixo -cy que indica qualidade, condição ou estado, ou seja, mais especificamente, qualidade, estado ou condição de letramento.

A professora, escritora e pesquisadora da educação, Magda Soares (2009, p. 22), define o letramento como “[...] estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita”. Na mesma perspectiva, Kleiman (1995, p. 19) define o letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” Diante dos conceitos pode-se perceber que o letramento é um conjunto de habilidades, atitudes e capacidades que permite o uso da leitura e escrita em contextos sociais diversos. O que quer dizer que além das habilidades de decodificação advindas da alfabetização, o indivíduo possui habilidades que vão além dos requisitos limitados à alfabetização e utiliza a leitura e a escrita nos mais variados contextos, interpreta, organiza discursos e compreende reflexões.

Em conjuntura, além do uso da leitura e escrita como prática social, há uma concepção de que quando o uso dessa tecnologia é usada socialmente, nesses contextos específicos, são chamados de - eventos de letramento, tal como definido por Heart (1982) *apud* Magda Soares (2002, p. 145) “Um evento de letramento é qualquer situação em que um portador qualquer de escrita é parte integrante da natureza das interações entre os participantes e de seus processos de interpretação” (tradução feita pela autora). Assim pode-se dizer que, um evento de letramento é aquilo que se pode visualizar, flagrar, uma cena, elementos mais observáveis das atividades em que a leitura e a escrita estejam envolvidas. Esses eventos ocorrem em diferentes espaços sociais, assumem diferentes formas e têm funções variadas. No cotidiano escolar, por exemplo, a leitura de um texto, uma resolução de uma questão discursiva demandada em uma prova, são exemplos de evento de letramento escolar. As pessoas também participam de diversos eventos de letramento fora da escola quando estão em, por exemplo, rituais religiosos, leem anúncios em busca de emprego, leem textos para os filhos ou vice-versa.

Já as práticas de letramento surgem em estreita relação com esses eventos. É um contexto mais amplo e abstrato por estarem relacionados ao significado, sentido e interpretação que os indivíduos atribuem a leitura e a escrita inerentes a um determinado evento. Por exemplo, duas pessoas podem estar numa sala de espera

de um determinado local, e ambas podem estar lendo uma revista, então o evento de letramento é o mesmo: a leitura da revista; mas, as práticas de letramento podem ser diferentes, isso porque essas práticas têm a ver com os objetivos que levaram essas pessoas a essa leitura. Uma delas pode estar lendo para inteirar-se sobre o mundo das celebridades, já a outra pode estar lendo com o objetivo de informar-se sobre questões políticas. Assim, cada uma dessas práticas envolve valores, crenças, ideologias diferentes, que fazem com que as práticas de letramento sejam diferentes também.

De acordo com Buzato (2006), ocasionalmente o letramento é confundido com a alfabetização, e essa situação está ligada justamente a um problema de enfoque sobre o que significa aprender a ler e a escrever e utilizar a escrita socialmente. Dessa forma o letramento é muito confundido com a noção de alfabetização funcional, ou seja, aqueles que até sabem decodificar as letras para atender demandas básicas da vida cotidiana, mas não sabem interpretar o que estão lendo ou escrevendo. Buzato (2006, p. 07) “A diferença entre ser alfabetização e letramento reside justamente na noção de prática social”. Entende-se que, a alfabetização é “[..] um processo em que se ensinam/aprendem as habilidades básicas que permitem às pessoas codificar e decodificar a escrita [...]” (BUZATO, 2006, p. 07). E já o letramento está ligado ao uso social da leitura e da escrita, e o atendimento consciente das demandas sociais específicas de leitura e escrita.

Buzato (2006) diz que:

Um indivíduo letrado é, conseqüentemente, alguém que conhece e pratica diferentes formas de falar, ler e escrever que são construídas sócio-historicamente – ou diferentes "gêneros do discurso" [...], alguém que é capaz de acionar "modelos" correspondentes a essas situações específicas para interpretar/prever como será interpretado algo que lê ou escreve. (BUZATO, 2006, p. 07).

Nessa perspectiva, trazendo para o contexto das tecnologias digitais, para que um indivíduo seja “letrado digitalmente” é necessário que este faça uso competente dos recursos (técnicos) tecnológicos digitais em uma esfera social, atribuindo sentido e significado sobre o uso. Para Soares (2002, p. 151) letramento digital é: “Um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela”. Ser letrado no mundo digital não é, somente, aquele que usa um computador ou navega na *internet*, mas o sujeito que se

utiliza dos diversos recursos digitais dando significados às suas ações, indagando o cenário digital e, acima de tudo, construindo compreensão sobre sua atuação no referido domínio. Assim, também significa compreender e fazer uso dos demais gêneros digitais, espaços e semioses dentro da cultura digital que estão surgindo.

Dessa forma, quando o aluno consegue entender/interpretar um texto, uma história, falar com clareza e se expressar através da escrita (seja ela impressa ou digital), ele se torna um indivíduo letrado, ele consegue ter uma visão, um posicionamento crítico e extrapola os limites da codificação e decodificação. E devido as participações em constantes eventos de letramento as pessoas acabam adquirindo novas práticas e, assim seguindo esse pensamento de Buzato (2006), fica evidente que ser letrado é estar preparado para diversos eventos de letramento e esses eventos são os momentos em que usamos o ser letrado; é saber aplicar e saber que aquele determinado contexto vale para o uso e seleção de determinadas palavras, comunicação, diante os vários gêneros discursivos que se assumem das manifestações verbais. Além disso, quanto mais esferas de atividade (escolar, científica, midiática, tecnológica) em que o indivíduo participa, maior será o seu repertório de gêneros, e seu grau de letramento.

A nossa sociedade é formada de diversos eventos de letramento. Estamos em processo de letramento desde quando nascemos e a fase escolar é um dos principais ciclos e ambientes responsáveis por grande parte de todo letramento que o aluno possui ou irá adquirir. Assim sendo, se cada evento de letramento onde a linguagem está intrinsecamente ligada aos processos de interpretação dos participantes de um determinado evento, e se concebermos a linguagem como sistema/código, meio/tecnologia e uso, ao levarmos a escrita para um novo meio (o digital), e usá-la em outras práticas, como, por exemplo, as envolvidas com as atividades escolares que utilizam computadores/smartphone e novas modalidades da linguagem, conseqüentemente estaremos diante de novos letramentos. E, no quadro do conceito de letramento, o momento atual propicia oportunidades para novos olhares acerca de novos letramentos, para assim refiná-los e torná-los mais desenvolvidos. É que vivemos, hoje, a introdução de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e escrita, provocadas pelas modernas e arquiteturas eletrônicas digitais, as TICs; o computador, a rede (web) e a *Internet*.

É, portanto, um momento propício para instruir-se de novas práticas de leitura e escrita que estão sendo introduzidas, e assim captar o estado ou condição que estão

se instituindo: momento para identificar as práticas na modalidade digital, ou seja, o letramento na cibercultura. Isso porque a inserção das TICs na sociedade e a chegada da *Web 2.0*, fase que ocorreu a “familiarização” da *internet*, e seu uso tornou-se cada vez mais comum no cotidiano das pessoas (ROJO, 2015), demandou o aparecimento de novos espaços semióticos, e conseqüentemente, o aparecimento de novas práticas nas formas de obtenção, reprodução e transmissão de conhecimentos. O uso das redes sociais, por exemplo, possibilita uma grande participação na configuração do ciberespaço; a partir da publicação e criação das mais diversas materialidades textuais provocou o surgimento do *meme* de *internet*, cerne deste trabalho. Identificado normalmente pela combinação de imagens e legendas bem-humoradas, os *memes* tornaram-se práticas cotidianas entre os jovens e objetos sociais de produção e reprodução de linguagens envolvidos em vários eventos de letramento dentro da cultura digital. E a escola como faz parte desse momento tecnológico e inovador, para atender a sua função social, ela deve estar atenta e acessível a incorporação de novos parâmetros comportamentais, hábitos e demandas, cooperando ativamente dos processos de transformação e construção da sociedade.

A seguir no ponto “2.3” discutiremos como se configuram as linguagens multimodais e multissemióticas nos suportes digitais.

### **2.3 Novos modos de circulação e produção de textos**

O acesso a ambientes de interação virtual, nos quais, os usuários podem publicar conteúdos, modificar e criar suas próprias páginas, ampliaram novas formas de interação, troca de informações e o modo como as pessoas leem o mundo. As práticas corriqueiras do dia a dia da sociedade contemporânea com o uso das TICs e o contato direto com as redes sociais, *blogs*, aplicativos *on-line* e demais plataformas, os textos/enunciados vem adquirindo cada vez mais novas configurações devido essa cultura em rede, que transformam as palavras, as frases e, acima de tudo, a modalidade escrita da linguagem, em conjuntura com novos gêneros textuais que circulam na rede e seus modos de leitura, assim como aponta Rojo (2015) “Surgem novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender. Novos tempos, novas tecnologias, novos textos, novas linguagens.” (p. 116).

E se antigamente, o ensino de Língua Portuguesa, as práticas de letramento fundamentadas no uso das tecnologias da escrita quirográfica atendiam as demandas impostas à educação escolar, a partir do surgimento das tecnologias, não mais. Atualmente com a escrita digital, surge um novo *espaço de escrita*: a tela do computador. Com isso, o espaço concedido aos elementos imagéticos e visuais cresceram consideravelmente devido os indivíduos agora terem acesso a recursos de produção, edição e reprodução; devido a isso, a construção textual, hoje, não concede apenas a primazia apenas da modalidade escrita da linguagem, pelo contrário, inúmeros recursos visuais/imagéticos podem ser empregados. As redes sociais tornaram-se um campo fértil para várias manifestações verbais e não-verbais.

Para Moraes (2007) os estudos das linguagens textuais ultrapassaram os limites da palavra como sendo a única forma de construção de textos. E essas novas textualidades apelam para a multiplicidade de linguagens e signos, em que a imagem estática ou em movimento, o som, as cores e os símbolos são combinados, de forma dinâmica e interativa. A esses textos, a autora Roxane Rojo (2015, p. 108) cita-os como: “Texto multimodal ou multissemiótico é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição”. Nessa perspectiva, a linguagem multimodal não abarca somente letras, sílabas, palavras ou frases, ela passa agora a contar com novos elementos do campo visual. Ou seja, traz tanto signos alfabéticos, quanto elementos imagéticos e visuais, tais como: cores, formas, formatos, e também elementos sonoros, como: áudios, músicas etc;

Em conjuntura, o texto multimodal consiste em uma construção textual calcada na conexão/ união de dois elementos ou mais, provenientes de diferentes registros da linguagem. O propósito de seu uso, na maior parte das vezes, é sumarizar uma dada mensagem, ou em outros casos, carrear determinados efeitos de sentido aos enunciados. Para tal, a escolha da letra (fonte), a cor, o formato e a forma, além de como tudo isso vai ser materializado na tela serão fatores de importância para a construção do sentido.

Para Ribeiro (2011, p. 68) “Pensar a leitura e a escrita no ciberespaço é compreendê-la para além das letras”. Sendo agora as práticas da leitura e da escrita e a interpretação para a construção dos sentidos de textos multimodais realizadas por meio da tela do computador, introduzem-se não só novas formas de acesso à informação, como também novos processos cognitivos, novas formas de

conhecimento, novas maneiras de ler e escrever. Sabe-se que o letramento vai além do conhecimento técnico, e isso exige que os alunos saibam lidar com os processos de construção de sentido dentro desse espaço digital para compreender o contexto dessas produções, e para isso, é necessário que esse letramento também seja crítico. Nesse sentido, esse letramento crítico dentro do ciberespaço parte do pressuposto de que o leitor/aluno precisa analisar e se posicionar criticamente frente a esses textos multimodais que tendem a ter várias interpretações, ou seja, o professor deve estimular os alunos a construir uma visão crítica daquilo de que é usuário/consumidor (jornal, revista, livros, *sites*, *podcasts*, *blogs*, *memes*, vídeos, *gifs* etc.) relacionando não só as linguagens sociais como também seus contextos culturais envolvidos nessas produções.

Nessa perspectiva atual, as práticas de leitura não podem ser apenas mecânicas, mas um meio de interação entre leitor, texto, contexto e mídias, visto que a variedade de letramentos disponíveis no espaço virtual possibilita diversas maneiras de leitura (a exemplo: leitura de hipertextos<sup>6</sup>), resultando em novos perfis de leitor. A esse perfil, o ciberleitor, Santaella (2004) o caracteriza imersivo. Ele lida com textos digitais e com textos que explorem diversos recursos multimodais. E para isso, esse perfil de leitor precisa conhecer os mecanismos de navegação, estratégias e possibilidades de compreensão de textos; trazendo mais uma vez a necessidade de se trabalhar em sala de aula os letramentos digitais.

A seguir, no capítulo 3, faremos uma discussão sobre o gênero digital *Meme*; difundido e nascido dentro das plataformas digitais.

---

<sup>6</sup> Koch (2007, p. 25) “De forma bem simplificada, poder-se-ia dizer que o termo hipertexto designa uma escritura não-sequencial e não-linear, que se ramifica de modo a permitir ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado a outros textos, na medida em que procede a escolhas locais e sucessivas em tempo real.”

### 3 O GÊNERO DIGITAL *MEME*

Situando-se no espaço e na história, o termo “gêneros” sempre foi bastante utilizado pela retórica e pela teoria literária, mas em Mikhail Bakhtin - pensador russo que se dedicou aos estudos da linguagem e da literatura no início do século XX, esse termo foi utilizado em um contexto mais amplo, referindo-se também aos textos que empregamos nas situações cotidianas de comunicação, de fato os gêneros tem sido estudados há muitos anos, já que fazem parte do sistema de comunicação e interação das pessoas em sociedade.

Para Bakhtin (1997) os sujeitos recorrem a determinados gêneros discursivos no momento da interação oral ou escrita, ou seja, textos materializam-se em gêneros. Essas escolhas estão associadas às necessidades dos falantes/escritores e são determinados pela esfera discursiva (tecnológica, literária, jornalística, científica, etc) presentes em toda atividade de comunicação humana. Os gêneros são fenômenos históricos e estão ligados à nossa vida cultural e social, isso implica dizer que eles são adeptos às transformações da humanidade, o que pode surgir a necessidade de adaptação ou o aparecimento de novos gêneros da esfera a qual está sendo exposta. Logo, se os gêneros são artefatos históricos que nascem a partir das necessidades comunicativas humanas, os *memes*, nessa perspectiva, materializam-se às necessidades comunicativas do contexto histórico-social ao qual pertencem: a contemporaneidade e a esfera digital; marcada pela dinamicidade nas interações *on-line*. E nessa conjuntura, a nova modalidade de gêneros textuais que nasceram dentro dos ambientes virtuais foram denominados por “gêneros digitais” (MEYER, 2020).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, reconhecem a necessidade da escola deve “viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e interpretá-los” (BRASIL, 1997, p. 26). Em adesão, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 69) prescreve a necessidade da inserção de novos letramentos no cenário educacional, não como forma de desvalorizar os “gêneros e práticas” já habituados nesse meio, mas sim de ampliar as abordagens para o meio digital com novos gêneros. Além disso, acrescenta que a escola deve contemplar “essas novas práticas de linguagem e produções” (BNCC, 2018, p. 69) por uma abordagem crítica e ética das TICs.

Nessa perspectiva, o gênero digital *Meme* se mostra com grande potencial para ser abordado em sala de aula, na medida em que é um gênero originado e difundido

no meio digital e carrega uma construção multimodal e multissemiótica que podem carregar variados efeitos de sentidos e contribuir para novos letramentos digitais e críticos dos alunos, proporcionando uma aproximação do mundo digital e o educacional.

O termo *Meme*, antes de tornar-se famoso na cibercultura, surgiu a partir dos estudos no âmbito das ciências biológicas pelo biólogo evolutivo e escritor Richard Dawkins em seu livro *O Gene Egoísta* publicado em 1976. Dawkins precisava de um substantivo parecido com “gene” e que transmitisse a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação, assim cunhou o termo *meme* a partir da redução da palavra “mimema” (que significa imitação em grego). De acordo com o autor:

O meme é uma unidade de replicação e, assim como o gene que salta de corpo para corpo carregando uma informação, o meme circula de cérebro em cérebro por meio de um processo que, de maneira ampla, pode ser chamado de imitação. (DAWKINS, 2007, p. 330).

Ou seja, o autor ao utilizar o termo *meme*, faz uma analogia ao processo evolutivo do gene. Já que o gene carrega as informações genéticas de um indivíduo para outro, o *meme* carrega as informações culturais adquiridas ao longo da vida de um indivíduo para outro. Assim acontece uma replicação cultural de um indivíduo para outro que também já portador de um dito *meme*, e, esse processo pode mudar as ideias e multiplicar sentidos conforme o *meme* muda de pessoa para pessoa. Dessa forma, qualquer coisa que possa ser aprendida e transmitida enquanto unidade autônoma, é um *meme*. Por exemplo: ideias, parte de ideias, valores, sons, línguas, palavras, bordões, gírias, desenhos, podem ser *memes*. As doutrinas e religiões são formadas por *memes* que perduram por séculos. Assim, para o autor, muito dos comportamentos humanos não vem dos genes, mas sim da cultura, e ainda propõe que qualquer comportamento não genético humano seja rotulado de *meme*. Nesse contexto, os *memes* são aquilo que é imitado a fim de se reproduzir e proliferar. O autor ainda aponta que os *memes* possuem três características fundamentais: a longevidade, fecundidade e fidelidade<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> De acordo com Dawkins (1979 apud RECUERO, 2009, p. 124), os *memes* possuem algumas características comuns, que justificam sua sobrevivência, como a longevidade (capacidade do meme de permanecer no tempo), a fecundidade (capacidade de gerar cópias) e a fidelidade das cópias (capacidade de gerar cópias com maior semelhança ao meme original).

De acordo com Horta (2015) os primeiros registros desse termo *meme* no âmbito virtual foi em 1998, em um *site* norte americano chamado *Memepool* em 1998 por Joshua Schachter, onde eram reunidos fotos, vídeos, *links*, e conteúdos virais, tornando-se um dos primeiros *weblogs* da época. Já nos anos 2000, Jonah Peretti, criador do *site Contagious Media Project* (*site* que acometia conteúdos virais), realizou um evento com personalidades influentes na disseminação e criação de artefatos culturais da *web* que eram virais nesse período. Foi nesse evento que muitas pessoas lembraram da teoria do Richard Dawkins e começaram a usar “meme” pra descrever tudo que se espalhava na rede. O uso do termo foi reforçado também em entrevistas por aqueles que estavam no evento de virais da *internet*.

Sua utilização no Brasil só se difundiu no meio virtual a partir da década de 2010, em um contexto em que redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* passaram a atuar de forma massiva na sociedade, fator que foi possibilitado pela domesticação da *internet* e a integração das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano das pessoas. Hoje o uso do *meme* na contemporaneidade é carregado de sentido e é um fenômeno fortemente conhecido devido sua difusão generalizada. Entende-se que os *memes* de *internet* tratam-se de produções caracterizadas pelas multimodalidades imagéticas, cômicas e contextuais, considerando elementos que são “oriundos” da cultura popular *on-line* das redes sociais, que podem também ser usados como mecanismo de sátira sobre algum acontecimento dentro da sociedade, sendo ele vigente ou não. Seu uso é comum no contexto da *internet* e associado a prática de produzir, alterar, postar e enviar imagens/vídeos digitais com comentários sobrepostos.

Horta (2015) nos traz o que podemos destacar como elementos recorrentes na maioria dos *memes*, e, portanto, os caracteriza, atribuindo-lhes uma espécie de padrão do que vem a se tornar um *meme*. O primeiro elemento que a autora menciona é a *repetição*; trata-se de apropriações de imagens ou frases que já tenham sido utilizadas em outros contextos da vida cotidiana e/ou de *memes* já postados. Por isso que muitos *memes* compartilham os mesmos traços ou ideias, o que proporciona seu conhecimento prévio, ou familiaridade. O segundo elemento diz respeito à *paródia*; essa prática é aplicada de forma recorrente aos *memes*, já que sua natureza faz parte da constituição de um *meme*, bem como o uso da sátira e a ironia aliadas aos aspectos do humor. Nesse sentido, a paródia seria uma recriação com objetivo jocoso ou satírico de determinado assunto. O terceiro elemento é relacionado ao *humor*;

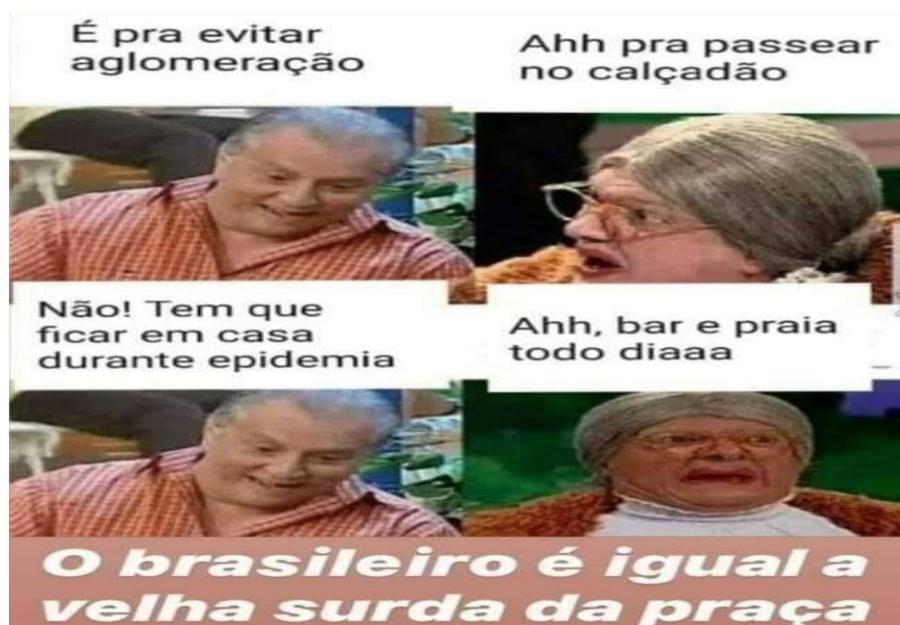
característica marcante desse gênero, e tem uma ligação de interdependência com a paródia e a réplica (difusão), isso porque o que faz a paródia é o fator considerado cômico, paralelamente a isso, a motivação dos autores criadores ao utilizar da paródia e a sátira, é gerar o humor.

De acordo com Horta (2015):

Qualquer informação poderia se tornar um meme: a fotografia de uma notícia, uma ilustração, uma frase de um vídeo publicitário, um personagem de determinado filme ou até mesmo cenas de nossas vidas cotidianas, como um retrato de um animal de estimação. (HORTA, 2015, p. 17).

Desse modo, sujeitos conectados são capazes de transformar aquilo que está na mídia, ou cena do cotidiano, em *memes*. Na produção de um *meme*, o(s) produtores pode(m) explorar recursos semióticos (imagens estáticas ou em movimento, cores, palavras, tipografias, discursos, etc.) atribuindo sentidos que são previamente pensados por quem elabora e contextualiza; geralmente são usados para gerar humor, mas também podem expressar cargas ideológicas, posicionamentos críticos políticos, dentre outras temáticas. Vejamos um exemplo de *meme* da *internet*:

Figura 1 - *Meme* "O brasileiro é igual a velha surda da praça".



**Fonte:** Facebook, por Raluna Macava (2020). Disponível em: <https://www.facebook.com/ralunamacava/photos/a.106262040896670/166917021497838/?type=3>. Acesso em: 15 abr. 22.

Neste *meme*, Figura (1), o apresentador Carlos Alberto de Nobrega e a personagem Bizantina estão participando do quadro “A Velha Surda da Praça” no programa *A Praça é Nossa*<sup>8</sup> da emissora de televisão brasileira (SBT). A partir da leitura dos enunciados, é possível perceber que se trata de uma crítica parodiada que busca problematizar o comportamento de uma grande parcela dos brasileiros frente às recomendações da comunidade científica da saúde sobre a exigência do distanciamento físico e do isolamento em casa, devido a situação de pandemia enfrentada no Brasil desde março de 2020 em consequência do vírus COVID-19. O *meme* em questão, trouxe, nesse diálogo, discursos surgidos na relação entre essas recomendações e a conduta de alguns brasileiros por não cumprirem os protocolos de distanciamento, fazendo uma intertextualização com o programa e o quadro “A Velha Surda da Praça” em que o uso do humor se dá justamente pelas características próprias da personagem que sempre compreende algo diferente do que lhe foi dito, representando essa parcela dos brasileiros de forma cômica e, ao mesmo tempo, expondo a crítica sobre o descaso da população que, não “ouvem” ou simplesmente não querer “ouvir” os protocolos exigidos.

Figura 2 - *Meme* "Garota desastre".



**Fonte:** *Pinterest*, por Roberti (2022). Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/748864244315785757/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

<sup>8</sup> “A Praça é Nossa” é um programa de humor brasileiro da emissora SBT, apresentado por Carlos Alberto de Nóbrega desde 7 de maio de 1987, e vai ao ar às quintas-feiras, às 23h15 segundo o horário de Brasília. Originalmente, o programa se chamava “A Praça da Alegria” e foi transmitido na TV Paulista – atual TV Globo – de 1957 a 1976, onde a personagem Bizantina Escatamáquia Pinto, interpretada pelo humorista Roni Rios, teve suas primeiras aparições (SBT, 2022). Disponível em: <https://www.sbt.com.br/variedades/a-praca-e-nossa>. Acesso em: 15 de jun de 2022.

A Figura (2), trata-se de um *meme* que retrata a questão da vigilância sobre o corpo feminino dentro de um sistema patriarcal. A frase na parte superior da imagem “mulher de roupa curta ‘tá pedindo” retrata discursos oriundos da “cultura do estupro”, em que a culpa dos assédios, violências sofridas por mulheres são consideradas “justificáveis” devido o comprimento de suas roupas, ou seja, a culpa se volta para as próprias vítimas. O rosto de Zoe<sup>9</sup> com um olhar sarcástico/debochado, segurando uma vela acesa e, olhando diretamente para os espectadores junto a uma casa em chamas no plano de fundo corroboram para criar a comicidade do *meme*, pois a junção dos elementos não-verbais (expressões, elementos imagéticos) e verbais (frases) denotam o sentido de que, a criança em ato de inconformidade sobre o posicionamento dos vizinhos, provocou um incêndio na casa destes, ironizando a situação com a frase “agora não falam mais” como algo que foi facilmente resolvido após o incêndio. Logo, a crítica humorística que esse *meme* traz está relacionada a atitudes e discursos machistas, como também a estereotipação da mulher, entre sua roupa e sua moral, bem como sua construção social na sociedade.

De acordo com Gabriela Lunardi (2018) o humor sempre desempenhou um papel importante no Brasil. Antes das plataformas da *internet*, por exemplo, o cômico se transformou em uma espécie de mecanismo de protesto e representação da identidade do país. Devido aos problemas e desafios sociais como desigualdade, pobreza, fome, corrupção e violência, etc; os brasileiros usam o humor como forma de “alívio de tensão coletiva” (LUNARDI, 2018, p. 429), ou seja, como forma de minimizar, mesmo que simbolicamente, as problemáticas sociais do país. A autora usa como exemplo, o próprio Carnaval - um dos eventos culturais mais famosos da nação - onde as pessoas usam do humor para ironizar e subverter o poder das classes altas, usando fantasias para fazer “graça” sobre as problemáticas do país e zombar de suas autoridades.

Nesse pensamento, podemos entender que a comunidade brasileira (*on-line* e *off-line*) usa o cômico para mostrar que este também é uma forma válida de protesto e como sua identidade cultural se molda a partir do meio em que vive. Isso posto, quando pensarmos nos *memes* enquanto conteúdos materializados na *internet*, devemos também olhar atentamente para os discursos dos quais eles produzem e reproduzem, e que não se limitam apenas ao humor inerente.

---

<sup>9</sup> Zoe Roth deu origem ao *meme* “Garota desastre” em 2005, em Mebane, no estado da Carolina do Norte (EUA). Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Garota\\_Desastre](https://pt.wikipedia.org/wiki/Garota_Desastre).

A respeito desses discursos (*memes*) postados na *internet*, Recuero (2009) faz uma relação da difusão de informações nas redes sociais à criação e à propagação de *memes*. Entende-se que as publicações de *memes* feitas nas esferas públicas digitais não acontecem de “forma casual, mas são motivadas pela percepção de valor que as informações divulgadas possuem” (BERGER, 2019, p. 317) e as intenções comunicativas dos sujeitos. Como textos tomados de sentidos, os *memes* são criados e compartilhados de diversas formas, dependendo dos valores que apresentam e de como afetam as interações sociais na *Web*. Nesse viés, relaciona-se a produção de *memes* ao capital social. O capital social seria “[...] um valor constituído a partir das interações entre os atores sociais” (RECUERO, 2009, p. 45), ou “[...] Refere-se à conexão entre indivíduos – redes sociais e normas de reciprocidade e confiança que emergem dela” (Putnam *apud* RECUERO, 2009, p. 45). Logo, de acordo com a autora:

A presença de memes é relacionada ao capital social, na medida em que a motivação dos usuários para espalhá-las é, direta ou indiretamente, associada a um valor de grupo. Por exemplo, as pessoas que espalham os recados com imagens acreditam estar fazendo algo positivo, que deixará aquele que recebeu a mensagem contente. Logo, há intencionalidade na construção/aprofundamento de um laço social, que é ultimamente explicado pela necessidade de capital social. (RECUERO, 2009, p. 130).

Dessa maneira, a autora enfatiza que, ao criar um *meme*, o(s) ator(es) social(s)<sup>10</sup> pretende(m) interagir e se entender com o outro, ou seja, que os sentidos que ele(s) cria vá ao encontro dos interesses de grupos que curtem, compartilham e comentam determinados *memes* (BERGER, 2019). Assim, a difusão de *memes* está também relacionada a uma “percepção de proximidade” (SOUZA, 2020, p. 61) ou seja, o indivíduo desperta a sensação de identificação, causada pelos elementos multimodais e multissemióticos, e/ou pelos aspectos cômicos presentes. Nesse sentido, ao criar ou apenas compartilhar um *meme* já criado, o indivíduo se torna seu autor ou também seu coautor e, muitas vezes, o utiliza para ecoar discursos sobre várias temáticas que corroboram suas ideias, como no exemplo da figura (1) e (2), com isso, a transmissão de informações culturais de pessoa para pessoa(s) se transformam em um fenômeno social, ao ser compartilhado, já que muitos *memes* funcionam como uma espécie de resposta ao momento histórico ou presente vivido.

---

<sup>10</sup> “Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais).” (RECUERO, 2009, p. 24).

Essas relações e práticas sociais de difusão na *internet* perpetuam para que compreendamos as dinâmicas da *internet* e como funciona a formação desses atores sociais dentro dessas esferas digitais que formam espaços de interação, lugares de fala, construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade/individualidade (RECUERO, 2009).

De acordo com Franca (2019):

O meme, gênero textual efêmero, desperta a curiosidade e incentiva a pesquisa de informações. Por ser algo que alcança especialmente o jovem contemporâneo, conectado através das redes sociais, exige uma leitura e interpretação de mundo, de ideias e um dado posicionamento, pois este se depara com toda a carga ideológica, a crítica e a insatisfação do outro. Tudo isso gera a necessidade de também posicionar-se, exigindo de si a busca por informações, a análise das ideias do autor, a formulação de novas ideias e leitura constante, considerando que há uma “avalanche” de informações diariamente que percorrem o mundo através dos memes. (FRANCA, 2019, p. 153).

Dessa forma, o professor ao trazer práticas de letramento com *memes* para sala de aula, leva os alunos a refletirem acerca dos processos de produção, circulação e recepção desses textos digitais, além disso, sabemos que o letramento digital é a capacidade do leitor de ler, compreender, produzir textos no contexto digital, além de saber inserir o conhecimento adquirido em outros contextos socioculturais, então trabalhar com *memes* enquanto recurso didático-pedagógico em sala de aula pode ajudar os alunos na formação de identidades *on-line* e desenvolverem o senso crítico-reflexivo enquanto usuários e consumidores de conteúdos que eles próprios ajudam a disseminar na *internet*, como a leitura crítica e interpretação em diferentes formatos e suportes, sejam vídeos, sons, imagens, etc. Knobel e Lankshear (2007-2018) também afirma que:

Engajar-se no estudo sério dos memes no ambiente escolar pode ajudar a equipar os estudantes com as importantes estratégias para identificar memes que infectam suas mentes para avaliar esses efeitos que os memes tem sobre a tomada de decisão, ações e relações com o outro, sob um ponto de vista ético. (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007-2018, p. 114).

Nesse sentido, esse gênero em sala de aula ajuda os alunos a identificar a relevância das ideias que circulam nas redes *on-line*, já que para alguns autores, o

letramento digital desafiam as concepções a respeito do que significa ser usuário competente de novas tecnologias ou redes, ou seja, é usado por alguns para descrever a habilidade de avaliar informações e examinar fontes, pensar na credibilidade de um autor, verificar a qualidade da escrita e a argumentação de um texto *on-line*, tornando a participação ativa do aluno na formação de opinião e transformação de opinião dentro do ciberespaço, além de discutir e interpretar sobre os vários discursos e temáticas que circulam nas redes sociais a partir desse gênero, como também desempenhar um papel importante acerca das crenças, valores, atitudes, muitas vezes, não observados nos processos de compartilhamento, o que pode desvelar ideias preconceituosas e/ou caricaturais.

É importante compreender que nem todo *meme* pode ser compreendido, isso vai depender do repertório social e cultural do aluno, nesse sentido, a intertextualidade é um ponto muito importante quando se trata desse gênero, pois ele ativa o conhecimento prévio do aluno e o “convida” a buscar em outros textos (obras, músicas, filmes, notícias) a compreensão do assunto em questão para que se possa mobilizar os posicionamentos e inferências e compreender o texto em sua amplitude.

Para Silva (2021, p. 07-08) O *New London Group* (NLG)<sup>11</sup>, sinaliza que “[...] entender e manipular as formas de representação multimodal, as imagens articuladas à palavra escrita, [...] demanda uma preparação específica e diferenciada”. Rojo (2012) corroborando e ressaltando as ideias da NLG, alerta que essas questões necessitam ser consideradas, já que os textos multimodais e multissemióticos exigem cada vez mais capacidades, compreensão e produção no ciberespaço. Nesse pensamento, a sala de aula deve tornar-se laboratório vivo, onde a construção do conhecimento contemple a produção multimodal pelos alunos, com a possibilidade de se instaurar processos de autonomia e autoria de alunos enquanto protagonistas, com isso, além de ser um leitor crítico, também é necessário ser um bom produtor de conteúdo e que isso se faça possível através do uso adequado das ferramentas tecnológicas disponíveis em sala de aula.

---

<sup>11</sup> O Grupo de Nova Londres (*New London Group* – NLG) é um grupo de pesquisadores que estudam sobre letramentos. Esses intelectuais propuseram, em 1996, A Pedagogia dos Multiletramentos em um manifesto intitulado: “*A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures*” (Uma pedagogia dos multiletramentos – desenhando futuros sociais) no colóquio realizado em Connecticut (EUA). O grupo preconizou que a escola deveria se encarregar do ensino dos letramentos emergentes devido à evolução das TIC, incluindo nos currículos a variedade cultural existente. (ROJO, 2012).

A produção dos *memes* em sala, por exemplo, como novas formas de letramentos digitais, torna possível o trabalho com várias linguagens e tecnologias, a partir do momento em que o aluno; compreende que as aplicações de *software* são usadas para cortar, editar e mesclar imagens; sabe quais ferramentas de manipulação de imagens usar e quais linguagens utilizar para obter os efeitos desejados por estes; ou como gerar e sobrepor camadas de imagens; como adicionar uma trilha sonora ou capturar pequenos trechos de texto; como salvar o arquivo em um formato adequado para as redes sociais e como fazer *upload* deste arquivo em um fórum ou repositório digital, etc. Trabalhar com essas ferramentas e habilidades requer que o professor esteja preparado para auxiliar os alunos nesse processo de construção de sentido, em vista disso, faz-se importante que além de saber manipular as ferramentas, o docente esteja por dentro dos contextos digitais para que sua metodologia se adeque as práticas de interação com os *memes*. Logo, estudar *memes on-line* fora do contexto digital é correr o risco de descaracterizá-los, comprometendo a construção dos sentidos e a funcionalidade comunicativa do gênero. Dessa forma, é necessário que essa abordagem seja em ambientes de interação verbal, como os *sites* onde circulam esses conteúdos, colocando os alunos em situações reais de eventos de produção e práticas de letramentos digitais para garantir uma aprendizagem significativa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossa pesquisa pudemos compreender que o novo cenário tecnológico que se estendeu na sociedade causaram impactos na educação à medida em que demanda o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no ambiente escolar e exige do professor que as domine e integre esses aparatos pedagogicamente aos currículos. Hoje já não se pode pensar em uma educação desvinculada das tecnologias, pois a escola faz parte da formação cidadã do aluno e, o que se espera, é uma formação que utilize as tecnologias de forma crítica e significativa para atender as demandas da sociedade.

Logo, foi compreendido que fazer o uso dessas tecnologias em sala de aula exigem novos letramentos, já que por muito tempo o ensino de Língua Portuguesa está voltado, quase que exclusivamente, para letramentos impressos, e devido a isso, é fundamental utilizar o letramento digital para desenvolver no aluno as práticas de leitura e escrita que se encontram inseridas dentro da era digitalizada, para que assim o aluno possa interpretar, produzir e reproduzir de maneira crítica aquilo que está na esfera digital. E nesse sentido, na tentativa de explorar esse letramento por meio do ciberespaço a partir de produções textuais-discursivas, nos propomos a investigar o gênero digital *meme* nos detendo da seguinte hipótese geral: Como o gênero *meme* poderia contribuir para a formação de sujeitos críticos na era digital? Seguindo de outras hipóteses específicas: a) Como se configuram os textos multissemióticos e multimodais na contemporaneidade? b) De qual forma os *memes* poderiam ser usados como ferramenta didático-pedagógica em sala de aula? c) Qual a importância do processo de ensino e aprendizagem dos gêneros digitais para os alunos? Logo, o objetivo desse artigo foi alcançado nos fazendo responder as indagações que se fizeram presentes em nosso estudo.

A partir da análise do gênero *meme* pudemos perceber que ao adentrarmos nas novas textualidades da contemporaneidade – produções multimodais e multissemióticas do ciberespaço – os *memes* possuem características que possibilitam os processos de letramento digital enquanto ferramenta didático-pedagógica em sala de aula por envolverem o uso de diferentes linguagens, processos de leitura, escrita/produção de sentido e exigir que os alunos lidem também com diferentes ideologias e culturas a fim de que possam construir saberes e

posicionamentos enquanto usuários que recebem e produzem esse gênero nas redes sociais.

Em suma, verificamos que esse gênero pode contribuir para o desenvolvimento crítico-reflexivo do aluno, pois esses textos possuem cargas ideológicas e intertextuais a partir da junção de elementos multimodais e multissemióticos e exigem dos leitores o desenvolvimento de novas capacidades cognitivas tanto para a compreensão do texto em sua construção no suporte digital, como também que eles saibam fazer uma leitura que questione os discursos neles envolvidos, com isso, o docente possibilita metodologias inovadoras no oferecimento das práticas de leitura que contemplam o leitor do contexto atual o que contribui para a formação e a participação ativa do aluno na construção de opinião e transformação de opinião dentro do ciberespaço, discutindo e interpretando os vários discursos e temáticas que circulam *on-line*.

Compreendemos, também, que os gêneros digitais podem ser grandes ferramentas educacionais potencializadoras para o processo de ensino e aprendizagem. Isso porque, além de ser o local no qual a língua efetivamente é empregada, os gêneros possibilitam, através do estudo desses enunciados, a interação com textos que já fazem parte das vivências dos alunos e de seus grupos sociais, além disso, contribui para ampliar a competência discursiva dos discentes frente às novas modalidades de linguagens.

Dessa forma, acreditamos que este trabalho possa contribuir para discussões acerca de novas ferramentas que podem ser utilizadas e integrada às práticas docentes e tornarem-se aliadas da aprendizagem, como também provocar os professores a pesquisar sobre outros gêneros digitais, pois a escola não pode desconsiderar as novas textualidades que surgem nas esferas públicas digitais já que estudantes estão imersos nesses contextos de interação verbal, ou seja, é através destes novos textos que se dá espaço à cibercultura em práticas de leitura e escrita em sala de aula, a fim de inovar as metodologias abordadas nas práticas de linguagem para os novos letramentos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. de. Informática e Formação de Professores. vol. 1. **Série de Estudos Educação a Distância**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000.
- BAHKTIN, M. M. Os gêneros do discurso. *In: Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior). p. 277-326.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL, Ministério da educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília. MEC/SEF, 1997.
- BERGER, I. **Memes de Internet nas aulas de Língua Portuguesa**: Ampliando o estudo dos gêneros discursivos na sala de aula. *Periferia*, v. 11, n. 2, p. 317-343, maio/ago. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/SAMSUNG/Downloads/36343-144339-1-PB.pdf> Acesso em: 22 abr. 2022.
- BUZATO, M. E. K. Letramentos Digitais e Formação de Professores. *In: III Congresso Ibero-Americano EducaRede: Educação, Internet e Oportunidades*. Memorial da América Latina, São Paulo-SP, 2006, p. 01-15. Disponível em: [http://www.educarede.org.br/educa/img\\_conteudo/MarceloBuzato.pdf](http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/MarceloBuzato.pdf). Acesso em: 10 jan. 2022.
- BRITO, F. F. V. DE; SAMPAIO, M. L. P. **Gênero digital: a multimodalidade resignificando o ler/escrever**. *Signo*, v. 38, n. 64, p. 293-309, 2 jan. 2013.
- CARDOSO, M. R. G. **O IMPACTO DAS TIC`s SOBRE A EDUCACAO DO SÉCULO XXI**. *In: Cadernos da Fucamp*, v.14, n.20, 2015. p.149-167. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/625>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. *In: NÓVOA, A. (org.). Profissão professor*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995. p. 93-124 (Coleção Ciências da Educação).
- FRANCA, M. P. S. Meme: Uma análise da contribuição do gênero para a emancipação intelectual do sujeito produtor-autor e leitor. *In: LIMA, Ana Maria P. (org.). Gêneros multimodais, multiletramentos e ensino*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 297p.
- GARCIA, F. W. **A importância do uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem**. *Educação a Distância*, Batatais, v. 3, n. 1, p. 25-48, jan./dez. 2013. Disponível em: <https://intranet.redeclaretiano.edu.br/download?caminho=upload/cms/revista/sumarios/177.pdf&arquivo=sumario2.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 de mar. 2022.

HORTA, N. B. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. 191 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/18420>. Acesso em: 23 mai. 2022.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 1. ed. Campinas: Papirus, 2007.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: KLEIMAN, A. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KNOBEL, M; LANSKHER, C. Memes online, afinidades e produção cultural (2007-2018). *In*: CHAGAS, V. (org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: Edufba, 2020. No prelo.

KOCH, I. G. V. **Hipertexto e Construção de Sentido**. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 51, n. 1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1425> acesso em: 16 jun. 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUNARDI, G. M. 'The zoeira never ends': the role of internet memes in contemporary Brazilian culture. 2018. *In*: CHAGAS, V. (org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: Edufba, 2020.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 291p.

MEYER, A. I. S. **Hipertextos e Gêneros Digitais: Conceitos e características**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 10, Vol. 15, p. 87-108. Out. 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/generos-digitais>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MENEZES, K. M. **Alfabetização, letramento e tecnologias**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/553784/2/eBook%20->

%20Alfabetizacao%2C%20Letramento%20e%20Tecnologias.pdf. Acesso em: 22 jun. 2022.

MORAES, A. S. Pôster acadêmico: **um evento multimodal**. Ao Pé da Letra (UFPE), vol. 09, p. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.revistaaopedaletra.net/volumes/vol%209/Vol9-Andrea-Moraes.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. *In*: MORAN, José Manuel; MASSETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12<sup>a</sup> ed. Campinas: Papirus, 2006.

MORAN, José Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica**. São Paulo, Paulinas, 1998.

PRENSKY, Mark. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 N. 5, 2001. Disponível em: <https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrantesdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2022.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura). 191 p.

RIBEIRO, M. H; FREITAS, M. T. A. **Letramento digital: um desafio contemporâneo para a educação**. Educação & Tecnologia, [S.l.], v. 16, n. 3. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/398>. acesso em: 10 jun. 2022.

ROJO, R; BARBOSA, J. P; **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, R.; MOURA, E. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, R. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-32.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, O. S. F. **Educação, formação docente e multiletramentos**: articulando projetos de pesquisa-formação. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 47, e221083, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/jdfbBkkyqdkKDDRSwHFXLG/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 12 abr. 2022.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81. 2002. p. 143-160. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 17 mai. 2022.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. - 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES-LEITE, W. S. & Nascimento-Ribeiro, C. A. do (2012). **A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios**. *magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, 5 (10), 173-187. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2810/281024896010.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2022.

SOUZA, C. M. C. **Memes em sala de aula: possibilidades de utilização como recurso didático no ensino de história**. *Revista Eletrônica Discente do Curso de História – UFAM*, v4, nº2, ano 4, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/8292/6355>. Acesso em: 16 mai. 2022.

TRAVERSINI, C. S. Pontos de ancoragem: a pesquisa, o currículo e os processos de in/exclusão no Ensino Fundamental. *In: Currículo e Inclusão na escola de Ensino Fundamental*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

VEIGA, I. P. (Org.). **Projeto Político Pedagógico da escola: uma construção possível**. São Paulo: Papirus, 1995.